

Palavras registradas, memórias perpetuadas: a pesquisa qualitativa em arquivos pessoais e egodocumentos

Maria Celi Chaves Vasconcelos¹ e Ana Cristina B. Lopez M. Francisco²

¹ Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Brasil. maria2.celi@gmail.com

² Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil. acf@monteirofrancisco.com.br

Resumo. O objetivo do presente trabalho é demonstrar os procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa qualitativa, tendo como principais fontes os arquivos pessoais e os egodocumentos, desde a sua localização, catalogação, levantamento e análise, acerca da investigação realizada sobre a educação de duas mulheres nobres que viveram no século XIX e faziam parte da aristocracia brasileira. A problemática é, portanto, como acessar os arquivos pessoais e egodocumentos escritos por mulheres e o que essas fontes podem nos dizer sobre a vida dessas mesmas mulheres, em um contexto patriarcal, escravocrata e que reservava a elas um papel social limitado, além de submetido a constante vigilância.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Arquivos pessoais; Egodocumentos; Mulheres nobres; Brasil Império.

Registered words, perpetuated memories: the qualitative research in personal archives and egodocuments

Abstract. The objective of the present work is to demonstrate the methodological procedures applied to qualitative research, having as main sources the personal archives and the egodocuments, from their location, cataloging, surveying and analysis, about the investigation carried out on the education of two noble women who lived in the century and were part of the Brazilian aristocracy. The problem is, therefore, how to access personal files and documents written by women and what these sources can tell us about the lives of these same women, in a patriarchal, slaver context and that reserved to them a limited social role, constant vigilance.

Keywords: Qualitative research; Personal archives; Egodocumentos; Noble women; Brazil Empire.

1 Introdução

Hoje em dia, as tarefas do investigador, do historiador e do pesquisador, passam necessariamente, pelos domínios da informática. As inúmeras possibilidades oferecidas pelo uso da internet demandam novas e atuais competências uma vez que vêm transformando radicalmente a forma de reprodução, leitura, análise e questionamentos do documento. Samara e Tupy (2010, p. 129) afirmam que “o computador tornou viável, graças à digitalização de textos e imagens, bem como ao armazenamento e cruzamento de dados, a possibilidade de análise com números bem mais elevados de variáveis”. Assim, as autoras (2010, p. 139) apresentam uma forma de aglutinar e armazenar informações através da criação de um banco de dados, visando facilitar o trabalho empírico com esse tipo de pesquisa qualitativa, para auxiliar na elaboração de teorias que justifiquem a especificidade ou não dos dados encontrados e ainda, viabilizar análises entre os diversos conjuntos de inventários pesquisados.

A ideia do banco de dados, trazida pelas autoras (Samara e Tupy, 2010), cada vez mais, se faz necessária quando se trata da pesquisa com arquivos pessoais ou egodocumentos. De acordo com o teórico alemão Winfried Schulze (1996), o termo Ego-Dokumente inclui todas as fontes em que um

indivíduo expõe informações sobre si mesmo, independentemente dessa ação ser realizada voluntariamente, por exemplo, em uma carta, um diário, um sonho ou uma transcrição autobiográfica. A concepção de egodocumentos citada por Fulbrook e Rublack (2010), assinala que os mesmos são fundamentais na construção de biografias individuais pelas pistas que apresentam expressa ou implicitamente, como os desejos, preconceitos, ambições, e assim por diante.

Nesse sentido, ao ter como foco, na realização de pesquisas qualitativas, a educação de mulheres, notadamente, mulheres leitoras e escritoras que viveram no século XIX, a principal fonte para a realização da operação historiográfica são os arquivos pessoais ou os egodocumentos, produzidos tanto de forma involuntária quanto para o registro das memórias vividas, reunidos em um banco de dados que chamamos de “inventário” de documentos.

Assim, o objetivo do presente trabalho é demonstrar os procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa qualitativa, tendo como principais fontes os arquivos pessoais e os egodocumentos, desde sua localização, catalogação, levantamento e análise, acerca da investigação realizada sobre a educação de duas mulheres nobres que viveram no século XIX e faziam parte da aristocracia brasileira, apresentando as principais características dessas protagonistas: educação francesa, preparação para o casamento e para gerir a casa, proximidade com as elites imperiais, inserção absoluta nos padrões comportamentais femininos exigidos, particularmente, de quem frequentava a Corte Imperial, situada na cidade do Rio de Janeiro, e que convivía com os membros da realeza.

A problemática que se constitui na questão central deste trabalho é, portanto, como acessar os arquivos pessoais e egodocumentos escritos por mulheres e o que essas fontes podem nos dizer sobre a vida dessas mesmas mulheres, em um contexto brasileiro patriarcal, escravocrata e que reservava a elas um papel social limitado, além de submetido a constante vigilância.

2 Duas mulheres nobres, dois silêncios da história

Para tornar as palavras registradas por mulheres, memórias perpetuadas, empreendemos uma investigação qualitativa que, inicialmente, tratou de duas protagonistas contemporâneas em seu período de vida e em sua condição de nobres pertencentes à aristocracia brasileira. São elas, a condessa de Barral e a viscondessa do Arcozelo, ambas partícipes dos caminhos e descaminhos que marcaram o apogeu e o declínio do Segundo Reinado no Brasil (1840-1889).

Seguindo a trilha dessas mulheres, mais especificamente, dos egodocumentos produzidos por elas, nossa pesquisa iniciou pela visita a uma grande quantidade de casas de guarda e patrimônio, das quais se destacam, no Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, o Real Gabinete Português de Leitura, o Museu Histórico Nacional, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro e, em Petrópolis, o Museu Imperial, nos arquivos da Casa Imperial, o Instituto Histórico de Petrópolis e a Biblioteca Municipal Gabriela Mistral. Analisando uma extensa profusão de arquivos existentes nessas instituições, foi possível localizar os documentos que buscávamos, entre eles, os arquivos pessoais que continham informações sobre essas mulheres, bem como egodocumentos preservados.

No que se refere à condessa de Barral, Luiza Margarida Portugal de Barros, nascida na Bahia, em 1816, as fontes são, sobremaneira, mais vastas por se tratar da preceptora das princesas Isabel e Leopoldina, filhas de d. Pedro II e herdeiras do trono do Brasil. Além das instituições já citadas, nas quais há acervos dedicados a registros da condessa de Barral, no decurso do tempo, alguns pertencentes da condessa, como quadros e diários, foram adquiridos por particulares em leilões e doados ou vendidos, posteriormente. Alguns se encontram em São Paulo, na biblioteca da Universidade de São Paulo, na qual estão guardados 29 dos seus diários e o único quadro conhecido de Luiza, ainda criança, está na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.

Como existem muitos documentos em arquivos pessoais e egodocumentos pertencentes à condessa de Barral, optamos pela ideia de Hilsdorf (1999), registrando, a princípio, toda sorte de informações sobre locais, autores, proprietários, editores e instituições, elaborando um "inventário" das fontes, pretendendo que o mesmo fosse o mais completo possível. A importância desse inventário preliminar se constituiu na medida da necessidade de se ter uma visão do conjunto dos documentos e informações espalhados por vários acervos, instituições e museus do país.

Dialogando com autores que também se depararam com uma grande quantidade de documentos em suas pesquisas qualitativas, alguns passos foram delineados para a seleção das fontes. Heymann (2012), ao analisar o volume e a complexidade da documentação reunida no arquivo pessoal do seu objeto de estudo, buscou avançar na relativização e na associação entre conjuntos documentais de natureza pessoal e memória individual. Para tanto, ela desloca o arquivo da posição de "campo" de pesquisa para a de "informante" privilegiado do campo institucional em que se localiza e que lhe confere inteligibilidade.

Nessa mesma linha, analisando a construção do inventário do patrimônio religioso paraibano, Rocha (2011), considera o inventário uma fonte inesgotável de informação, como fonte e como meio, possibilitando agregar novos usos, significados, valores, tendo como base a informação para a compreensão dos processos histórico, social, econômico e cultural de um determinado tempo e tempo-espaco. A contribuição teórico-metodológica do inventário é especialmente relevante para uma visão do conjunto do patrimônio e para sua categorização e acesso pela sociedade. Assim, para trabalhar os arquivos pessoais relativos à condessa de Barral optou-se pela utilização da categoria inventário de fontes, documentos e, particularmente, egodocumentos, considerando a quantidade de arquivos disponíveis.

Com relação a nossa outra protagonista, que viveu uma existência mais anônima, sob o ponto de vista da notoriedade em seu tempo, embora fosse uma perfeita representante da elite imperial, filha e neta de barões do café, não foi possível encontrar uma ínfima parte do material documental acerca da condessa de Barral. Sua vida dedicada aos filhos, ao marido e à gestão da casa e das fazendas de café, com seus escravizados, fizeram com que apenas um egodocumento fosse capaz de preservar sua memória do completo esquecimento. Trata-se de um egodocumento extremamente singular por sua autoria e contexto: o Diário de Lembranças da viscondessa de Arcozelo, Maria Isabel de Lacerda Werneck, uma mulher nascida no século XIX, no ano de 1840, que viveu o apogeu do Império do Brasil, bem como a sua decadência que culminou com a mudança da ordem política vigente.

A história da vida de Maria Isabel de Lacerda Werneck, coincidentemente ou propositadamente, devido à inserção de sua família no "*modus vivendi*" do Império, acompanha esse mesmo percurso de apogeu, durante o qual a viscondessa chegou a possuir em suas fazendas "mil escravos" (Castro, 2004, p. 119), e declínio, quando um dos seus filhos chega ao "extremo de ficar sem teto" (Castro, 2004, p. 118).

Em que pese à importância da investigação das condições políticas, econômicas e sociais que levaram a transformação completa das circunstâncias ao longo da existência desses antigos nobres da Província fluminense, nesse estudo nosso foco são os egodocumentos produzidos por essas mulheres, e o que é possível recompor de suas vidas a partir de seus registros pessoais e egodocumentos.

A condessa de Barral foi, possivelmente, a mais influente preceptora brasileira da Corte Imperial do Segundo Reinado, tendo sido escolhida para reger e educação das princesas brasileiras. A viscondessa de Arcozelo, por sua vez, registrou em seu diário um cotidiano comum às mulheres nobres do seu tempo. Provavelmente, ela escrevia cotidianamente, contando, de forma pormenorizada, a rotina de seus dias passados, principalmente, nas fazendas de propriedade da família.

Em comum as duas mulheres tem o fato de, seja por sua condição de pertencentes à nobreza em um mundo que se republicanizava, seja por sua condição feminina, terem sido silenciadas na história recente.

3 Metodologia

Para dirimir as questões suscitadas que constituem o objeto do estudo e efetivamente “vasculhar” os egodocumentos pertencentes à condessa de Barral e à viscondessa de Arcozelo, em especial no seu papel de mulheres educadas nos padrões do que havia de melhor no seu tempo, foi necessário buscar referenciais metodológicos capazes de nortear uma investigação qualitativa eminentemente bibliográfica e documental.

Assim, o estudo apresentado está fundamentado em procedimentos inerentes a uma pesquisa qualitativa histórico-documental, utilizando como fontes de investigação diferentes categorias documentais, tais como análise de bibliografia sobre mulheres oitocentistas, registros de pessoas que conviveram com elas, teses e dissertações sobre o tema, publicações locais e estrangeiras, iconografia e literatura da época, documentos oficiais, jornais e revistas periódicas e, sobretudo, o inventário de cartas, diários, e egodocumentos que guardam marcas da história dessas mulheres. Segundo Burke (1992, p. 25), quando se começa a fazer questionamentos (sob novos olhares), sobre o passado, para a escolha de novos objetos de pesquisa, tem-se que buscar outros tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais. É nesse sentido, que o estudo dos egodocumentos torna-se uma forma de dar voz a uma infinidade de outros tipos de fontes.

Assim, para a pesquisa relativa aos arquivos pessoais da condessa de Barral, fez-se necessária a formatação de um inventário das fontes investigadas para a realização do estudo, que são compostas por livros pertencentes a ela, cartas e diários, iconografia, documentos como cadernos, boletins e planos de aula, todos objetos pessoais que estão sob a guarda de Instituições e da família.

Tendo em vista a grande quantidade de fontes, a elaboração do inventário foi realizada em uma ordem cronológica e de pertencimento às Instituições de patrimônio visitadas, listando seus arquivos e acervos. Para tanto, foram elaborados quadros por categoria documental, demonstrando o que foi inventariado em cada Instituição/Arquivo/Acervo consultado.

A partir do inventário das obras literárias e acadêmicas, partimos para o estudo dos egodocumentos, especialmente as cartas, tendo em vista que foram as fontes mais numerosas. Tratam-se de missivas pessoais e epístolas recebidas pela condessa.

Na tentativa de exaurir as fontes epistolares e no intuito de entender melhor as informações contidas em algumas cartas e documentos, foi necessário confrontá-las aos diários dos membros da família Imperial, aos diários da própria condessa de Barral, aos diários da baronesa de Loreto (amiga da condessa), às anotações do mordomo da Casa Imperial, a legislações, bem como a todo o material concernente à educação das princesas brasileiras disponível no Museu Imperial.

O Museu Imperial em Petrópolis possui em seu acervo várias cartas e documentos catalogados sob a sigla “DBM”, que significa Coleção Barral Monferrat; “APB” Arquivo Paulo Barbosa e “AGP” Arquivo Grão-Pará, contendo desde o contrato de Luiza para ser a preceptora das princesas imperiais brasileiras, até epístolas trocadas entre ela e o imperador d. Pedro II, assim como com as princesas Isabel e Leopoldina. O acervo pertence à família Imperial que o cedeu ao Museu Imperial, em forma de comodato, para que esses documentos estivessem disponíveis para pesquisadores.

Entre os aspectos materiais estudados nas missivas estão o papel, a tinta, o envelope, bem como outros elementos de igual significação (como desenhos, selos, recortes), que precisam de análise cuidadosa (Blas, 2003). Algumas cartas, pelo declínio do tempo e por terem ficado sem os cuidados

necessários para que não se deteriorassem, acabaram por sofrer expressivo desgaste do papel, o que dificulta bastante à análise e o estudo de seu conteúdo.

Com centenas de epístolas sobre os mais diversos assuntos e endereçadas a diferentes destinatários, tornou-se necessário fazer um recorte delimitando o estudo ao inventário das cartas que fazem parte do acervo familiar e que poderiam ser lidas como egodocumentos contendo informações pessoais sobre a condessa. O conteúdo das cartas foi inventariado e catalogado, classificando-as por datas, locais, destinatários e remetentes e cruzando-as para a obtenção de informações complementares às lacunas verificadas.

No que se refere ao Diário de Lembranças da viscondessa de Arcozelo, como se tratava de uma única fonte documental, a operação historiográfica tornou-se mais específica, mas nem por isso mais limitada. No caso da viscondessa, o diário suscita muitas questões e, *a priori*, demonstra aspectos singulares da vida dessa mulher, como o próprio hábito de fazer um registro do cotidiano, quando essa não era uma prática comum às mulheres nobres da Província fluminense, ou pelo menos, como afirma Michelle Perrot (2005, p.90) "tais diários não são raros; mas eles chegam apenas excepcionalmente ao público. Seus autores – mulheres, na maior parte das vezes – os destroem geralmente na chegada de sua velhice, preocupados em não se expor ao olhar indiferente ou irônico de seus herdeiros".

A fim de recompor fragmentos autobiográficos contidos no diário investigado, o primeiro procedimento metodológico utilizado neste estudo, buscou indagar o egodocumento, como sugere Henrique (2009, p.12): "Como tratar um diário íntimo? Como se posicionar diante do 'efeito de verdade' que esse tipo de documento produz? Quais leituras um diário íntimo nos permite? É possível compreendê-lo para além do indivíduo que escreve? O que motiva alguém a escrever um diário íntimo?". Ainda o mesmo autor lança uma pista do caminho a ser seguido: "As entradas feitas no diário permitem múltiplas abordagens. Os temas são muito variados, razão pela qual é preciso fazer um recorte que conduza a pesquisa" (Henrique, 2009, p.14). Nesse caso, para a pesquisa qualitativa no diário da viscondessa, optou-se por centrar as análises nas possibilidades de leitura que o egodocumento permite em relação a sua protagonista, não desconsiderando a materialidade desse objeto, semelhante a um caderno impresso ou uma agenda moderna, com as informações que ele tem para oferecer.

Observa-se, ainda, o que Cunha (2000) recomenda como o papel do historiador diante de um documento que admite inúmeras incursões:

Os diários têm funcionado como preciosa fonte para um certo conhecimento das maneiras de viver, das ideias circulantes, dos signos, dos códigos comportamentais de determinada época, um dispositivo textual que permite também entrever os imaginários de seus a(u)tores sociais. Expondo dúvidas, mil nadas, fragmentos da memória pessoal, familiar e grupal de seu tempo, o trabalho com esse material torna possível dar visibilidade ao que estava destinado ao silêncio e ao esquecimento (p.160).

Tendo em conta as dificuldades em traçar um caminho linear para análises que envolvem tamanhas subjetividades, a investigação adotou, no percurso metodológico da pesquisa qualitativa, elementos afeitos ao método biográfico, especialmente no que se refere a sua perspectiva interacionista para captar essas subjetividades, compreendendo que "a conduta é continuamente remodelada" (Digneffe, 1997, p. 208), para atender, também, as expectativas dos outros, que obrigam a certa objetividade na experiência vivida.

Dessa forma, numa articulação imbricada ente objeto e fonte, os arquivos pessoais estudados que contém egodocumentos pertencentes à condessa de Barral e à viscondessa de Arcozelo foram investigados com o pressuposto que cada homem é uma síntese do seu tempo histórico e, portanto, a pesquisa qualitativa aplicada a um objeto é capaz de oferecer elementos para a elucidação de outras circunstâncias semelhantes.

4 Reconstituo memórias, preenchendo lacunas

Luiza Margarida Portugal de Barros, a condessa de Barral, foi uma representante exemplar da mulher aristocrata e nobre de seu tempo. Nasceu e cresceu em um engenho, e depois da primeira infância, estudou na Europa. Voltou ao Brasil; serviu na Corte Francesa e depois, na brasileira. Transitou com maestria entre dois mundos, o arcaico e o moderno. Foi uma das pioneiras em demonstrar independência e audácia ao escolher seu marido, em detrimento daquele escolhido pelo pai. Vivenciou e enfrentou várias revoltas, de escravos no Recôncavo Baiano e de republicanos e anarquistas da França. Ousada também, em defender o abolicionismo. “Costurava” alianças e pensava em dinheiro de forma moderna. Luíza era o casamento de inteligência e espírito e, sobretudo, era extremamente feminina. Del Priore (2008), narra de forma apaixonada, como era o perfil da Condessa:

Se suas contemporâneas eram convidadas a obedecer, a manter os olhos baixos, a não fazer perguntas e a não desagradar o sexo oposto, Luisa era o contrário. Dona de personalidade forte, culta, poliglota e elegante, não deixava escolhas: era amada ou detestada. Não se submetia jamais ao despotismo dos homens: nem do pai, nem do marido. Menos ainda ao das mulheres. Sua formação se deu entre os melhores livros e professores, num dos países mais avançados da Europa – a França. Órfã de mãe, muito cedo se aliou ao pai, que lhe ensinou como funcionava um mundo onde os homens eram reis (Del Priore, 2008, p. 16).

Seguindo este caminho, Vasconcelos (2005) também aponta o comportamento e a educação da mulher brasileira oitocentista, sobre o qual a condessa divergia completamente em seu modo de pensar e proceder, não só tendo uma educação e cultura destacados entre homens e mulheres de sua época, mas também sendo reconhecida pelo próprio Imperador como uma interlocutora para assuntos relativos à condução do Império:

Havia ainda alguns críticos para os quais a mulher não deveria exercer qualquer outra função fora do lar doméstico e, portanto, julgavam necessário limitar ao máximo possível sua educação e direcioná-la apenas para esse fim. Essa facção radicalmente contra a instrução aprimorada da mulher, segundo seus contemporâneos, acabava por impedir que as mães de família fossem melhor educadas para poder fazê-lo com seus próprios filhos (Vasconcelos, 2005, p.188).

Ainda, discorrendo e analisando a prática educativa oitocentista brasileira, Albuquerque (2015) lembra que Freyre (1997) também delineou o protótipo feminino advindo da educação doméstica, que era utilizado para a maioria das mulheres pertencentes à aristocracia. A condessa modificou e estimulou outra lógica, fazendo com que as famílias nobres, copiando o modelo das princesas, buscassem preceptoras para suas filhas que fossem instruídas e, preferencialmente, conhecessem o francês, modelo de civilidade da época.

[...] as preceptoras que os senhores de engenho mais ortodoxamente patriarcais da época – os que, não enviando as filhas para internatos das cidades, desejavam instruí-las em casa – anunciavam, nos jornais, precisarem para encarregarem-se de tal ensino, eram senhoras que soubessem iniciar as meninas no conhecimento da gramática portuguesa, de geografia, da música, do piano; e que, também, as instruisse no conhecimento da língua francesa: não só no traduzir como no falar dessa língua (Freyre apud Albuquerque, 2015, p.13).

No período em que foi preceptora das princesas Isabel e Leopoldina, a condessa tornou-se um parâmetro do ideal de “governess”, dedicada à educação das principais personagens femininas que iriam atuar e conduzir as circunstâncias sociais, econômicas e políticas do devir na história do Brasil. Ora, tal missão não poderia ser confiada a alguém que não estivesse à altura da responsabilidade que este cargo implicava e que, provavelmente, deve ter sido testada por diversas vezes e por pessoas e

instituições (com seus interesses diversos), tendo superado a todos e a tudo que estivesse em seu caminho, haja vista a longevidade de sua permanência na condução da educação das princesas.

No caso da viscondessa, seu diário que chegou até os nossos dias, inicia em 1º de janeiro de 1887, anunciado como dia da circuncisão do Senhor e contendo a propaganda da casa Cardozo & C. para venda de instrumentos musicais. Ela o escreve como se essa fosse uma prática já habitual, apenas registrando as principais informações do dia: "Alzira com D. Sara e os meninos forão a missa. Choveu muito de tarde. Por causa da chuva não fomos jantar no Pantanal" (Diário de Lembranças, 1887, 1º de janeiro de 1887). Tal registro sugere uma atividade já usual diante de um caderno impresso, que continha em suas folhas iniciais e finais, bem como no cabeçalho de todas as páginas relativas aos dias do ano, múltiplas informações significativas para a época, podendo-se inferir que não era o primeiro do gênero a ser usado por Maria Isabel para a sua escrita diária.

Além do mais, para ler a página inicial de um diário, cabe considerar o que Lejeune (1997, p.102) destaca, contrariando as expectativas: "bem poucas escritoras começam se apresentando e fornecendo informações sobre seu ambiente e personalidade. É preciso adivinhar". No caso da viscondessa, as adivinhações necessárias para situar o seu diário são muitas, contudo, também são muitas as pistas deixadas por outros documentos que confrontados ao diário podem fornecer expressivas informações.

A viscondessa escreve notadamente sobre os acontecimentos diários de sua vida, como quando registra que recebeu uma carta, uma encomenda, suas idas as outras fazendas, suas andanças de "troll", quando todos saem e ela fica sozinha, suas viagens a Corte e outras localidades, quando são pagos os valores que lhe devem, quando ela paga os escravos, as compras que faz, as coisas que manda para as fazendas, os participantes das despedidas feitas a ela quando viaja, as visitas que faz e recebe, as mortes que lhe são comunicadas, entre outros. No entanto, são informações objetivas nas quais a sua opinião não é expressa, só ocorrendo o contrário raras vezes, como no dia 24 de janeiro, quando escreve: "O Castro trocou a parelha de machos e uma besta pela parelha preta do Joãozinho dos encantos. Não achei as bestas bonitas acho que não são tratadas" (Diário de Lembranças, 24 de janeiro de 1887).

Da mesma forma no que se refere aos escritos sobre si, as anotações da viscondessa dificilmente dão a perceber algum julgamento, limitando-se a informações sobre o seu estado de saúde, como na passagem a seguir: "Amanheci doente e passei o dia todo de cama" (Diário de Lembranças, 16 de fevereiro de 1887). Suas emoções relativas aos acontecimentos anotados não são escritas e tão pouco podem ser inferidas, pois a morte de um parente é assinalada tão laconicamente quanto à morte de escravos.

A ausência de escrita sobre si, suas impressões ou sentimentos, confrontada a forma contundente com que demonstra insatisfação nas poucas vezes que o faz, evidencia algo que pode ser interpretado, de acordo com as observações de Lejeune (1997), como decorrente da falta de privacidade, desde o lugar de conservação do diário, apartado da vista de todos, até o cuidado com a sua conservação posterior, o que poderia acarretar a leitura de outros.

Inúmeros nomes passam por suas páginas, especialmente quando se tratam de parentes e visitantes, sempre participando de alguma refeição, listados um por um, como nos dias em que ela mesma informa a existência de 30 pessoas para o jantar (Diário de Lembranças, 14 de fevereiro de 1887). As relações entre a viscondessa e aqueles sobre os quais escreve, apesar de às vezes não passarem de referências objetivas sobre a visita, podem ser inferidas mais seguramente confrontando-se o diário a outros documentos. Contudo, alguns personagens são recorrentes, indicando a convivência, como é o caso das noras Alzira e Maria Paula, sobre a qual escreve em 15 de fevereiro, após dias de registros de que ela vinha passando mal, "Maria Paula teve um não sucesso", o que provavelmente indica que ela não estava grávida. Quanto a esse aspecto, é curioso que a nora Alzira seja citada cotidianamente, mas nem uma palavra é dita sobre a sua gravidez, não obstante o nascimento do

bebê seja registrado em duas passagens do mês de dezembro, o que sugere não haver expectativas enquanto a criança não nascesse, considerando os abortos e natimortos constantes no período.

Dona Sara, a preceptora de seus filhos Mário e Raul, também é bastante citada em suas atividades cotidianas, mas infelizmente não há uma palavra sobre seus métodos de ensino, ou mesmo sobre como ocorriam as aulas. Além da preceptora, dos filhos e das noras citadas constantemente, muitas outras pessoas aparecem apenas em uma página durante o ano inteiro, especialmente quando estavam doentes. Esse é um registro comum, sobre as doenças que acometiam os parentes, amigos e vizinhos, as mortes e as missas de exéquias.

Os escravos, por sua vez, aparecem continuamente, seja cantando "Reis", no dia 6 de janeiro, seja sendo registrada a realização de sua "matrícula", além da constante menção à confecção e entrega de roupas e utensílios, bem como a anotação daqueles que nasciam, adoeciam ou morriam. Ainda é assinalada a presença de diversos comerciantes que passam pelas fazendas ou que fazem algum negócio com o marido da viscondessa, demonstrando a dinâmica da rede de sociabilidade que envolvia a família e especialmente o trânsito intenso de pessoas que circulavam pela casa, por vezes, permanecendo vários dias.

Em relação à escrita sobre o contexto em que vive, vale destacar o relato da viagem que a viscondessa faz para o Rio de Janeiro, começando no dia 12 de março, em que registra as péssimas condições das estradas e a dependência da situação dos caminhos para dar continuidade ao trajeto. Um registro anterior, de 8 de fevereiro, já dava conta da visita do Barão de Araújo que teria ido "tratar da estrada de ferro daqui a Petrópolis passando por entre rios" (Diário de Lembranças, 8 de fevereiro de 1887).

A prática, comum na época, de ir para uma estação de águas, também é relatada pela viscondessa, em 21 de março, quando deixa a Corte e registra no diário: "partimos para Caxambu", de onde só retornam em 21 de abril. Com ela iam o filho, a nora e dois escravos. Chama atenção o fato de que, enquanto a passagem dos três custou 109\$500rs, a dos escravos, Lucia e Arthur, custou apenas 24\$000rs.

Entre passeios e encontros com conhecidos, o que sugere ser a mesma rede de pessoas que fazia semelhante programação, passavam-se os dias na estação de águas, com jogos de víspera à noite e até um baile organizado pelos hóspedes, no qual, registra a viscondessa, somente 27 mulheres compareceram. Percebe-se, ainda, que às famílias de fazendeiros era costume ter casas na Corte, pois é de lá que a viscondessa parte para sua estação de águas e também é lá que passa muitos dias, registrados com constantes visitas e contravisitas de parentes e amigos, de onde, infere-se, são escritas muitas páginas do diário.

As casas das fazendas invariavelmente possuíam capelas, pois a viscondessa registra reiteradas vezes que "o Cônego Brito celebrou missa aqui" (Diário de Lembranças, 30 de junho de 1887). As cidades próximas das fazendas, tanto Vassouras e, especialmente, Paty do Alferes são citadas constantemente, para onde se dirigiam vários membros da família e agregados, não só para participar de procissões como para festas, incluindo-se os escravos, como é registrado em 29 de junho de 1887.

No que diz respeito à última análise elencada neste estudo, trata-se de um dos principais padrões utilizados na escrita do diário da viscondessa, que é a elaboração listas. Consultando Humberto Eco (2010, p. 113), as listas registradas por Maria Isabel tinham um caráter prático, isto é, uma função "puramente referencial", para nomear e elencar objetos que lhe pertenciam, demonstrando um aspecto de sua personalidade relacionado ao extremo cuidado com seus bens, incluindo-se aí os escravos, os itens de uso pessoal e da casa, as finanças particulares, as dívidas, os empréstimos, os pagamentos e as contas.

O detalhamento proposto nas listas, particularmente dos gastos rotineiros, sugerem um zelo e preocupação quase conscientes sobre "a riqueza fugaz", denominação utilizada por Muniz (2005),

que envolvia as fazendas de café. No entanto, as cuidadas anotações não foram suficientes para que os bens e a riqueza da viscondessa fossem preservados.

5 Conclusões

No século XIX, no Brasil, entre as mulheres das classes mais abastadas, os pensamentos íntimos eram, na maioria das vezes, quando transformados em palavras, guardados para o confissãoário. O diário, embora secreto, podia ser lido ou desvelado, num tempo em que a noção de privacidade era muito diferente da atual. Além disso, ler os segredos femininos era uma forma de proteger as filhas, irmãs, sobrinhas, netas, dos maus pensamentos e da perda da representação de "ingenuidade" que era imposta às mulheres.

Por esse motivo, os egodocumentos, sob a forma de diários, são raros em nosso país, ainda que existam alguns como o objeto de nosso estudo. Contudo, o Diário de Lembranças pesquisado permite um contato muito próximo com a viscondessa de Arcozelo, mas não com Maria Isabel, pois essa deu lugar a uma personagem construída ao longo da vida, tratada pelas próprias netas como "vovó viscondessa" (Castro, 2004, p.36) e impregnada pelas inconstâncias da história que a cercava. Certamente, a viscondessa, como demonstra o seu diário de 1887, viveu para além do seu tempo, morrendo quando o mundo que ela conhecia e apreciava, já perdia seus últimos vestígios.

Da mesma forma, ao ler as cartas da condessa de Barral, percebe-se que ela viveu em outro mundo, cercado por dimensões e barreiras econômicas e sociais, cujos problemas que apareceriam no devir já davam sinais de suas origens.

No entanto, a leitura e análise das cartas da condessa, aliadas aos documentos existentes nos museus e bibliotecas catalogados no inventário elaborado, permitiram um novo olhar sobre as práticas de ensino oitocentistas e, ainda, sobre a forma como foi pensada a educação das princesas imperiais brasileiras.

Não se pode perder de vista que há problemas históricos insolúveis que, embora interpretados e analisados ao longo dos anos, jamais serão satisfatoriamente equacionados (Cerqueira, 1963, p.13); outros se elucidam com a passagem do tempo; e alguns, se esclarecem por completo através da descoberta de determinados documentos.

Assim, a pesquisa qualitativa, tendo por fonte egodocumentos recolhidos em arquivos pessoais, possibilitou a realização de um inventário de documentos pertencentes a instituições de guarda e patrimônio, que poderá permitir a outros pesquisadores darem continuidade a aspectos não investigados que estiveram presentes na vida das personagens enfocadas e nas circunstâncias que se constituíram como cenários de suas existências.

Referências

- Albuquerque, S. B. de M. (2015). *Nas memórias de Aurélia: cotidiano feminino no Rio de Janeiro do século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS.
- Blas, V. S. (2003). *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón (Asturias): Ediciones Trea.
- Burke, P. (1992). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Castro, M. W. de. (2004). *No tempo dos barões: histórias do apogeu e decadência de uma família*

- fluminense no ciclo do café*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi.
- Cerqueira, C. D. (1963). *Pedro II e a Condessa de Barral não foram amantes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.
- Cunha, M. T. (2000). Diários íntimos de professoras: letras que duram. In *Refúgios do eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 159-180.
- Del Priore, M. (2008). *Condessa de Barral. A paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Diário de Lembranças da Viscondessa de Arcozelo (1887). *Museu Imperial de Petrópolis*. Cód. DMI-15.
- Digneffe, F. (1997). Do individual ao social: a abordagem biográfica. In Albarello, L. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 203-245.
- Eco, H. (2010). *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record.
- Freyre, G. (1997). *Casa-grande & senzala*. 32 ed. Rio de Janeiro: Record.
- Fulbrook, M. & Rublack, U. (2010). In Relation: The 'Social Self' and Ego-Documents. *German History*, vol. 28, n. 3, set., 263–272.
- Henrique, M. C. (2009). *Um toque de voyeurismo. O diário de Couto de Magalhães (1880 - 1887)*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Heymann, L. Q. (2012). *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: FGV, Faperj.
- Hilsdorf, M. L. S. (1999). *Escola: fontes para a presença feminina na educação*. São Paulo (século XIX): inventário. São Paulo: Centro de Memória da Educação – FEUSP e Plêiade.
- Lejeune, P. (1997). Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu*, n. 8/9, 99-114.
- Muniz, C. M. L. (2005). *A riqueza fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras, 1820-1890*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC.
- Rocha, S. R. M. (2011). *Construção e análise do inventário patrimônio religioso paraibano: informação como representação social*. Dissertação de mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Samara, E. M.; Tupy, I. S. S. T. (2010). *História & Documento e metodologia de pesquisa*. São Paulo: Autêntica.
- Schulze, W. (1996). *Ego-Dokumente: Annäherung an den Menschen in der Geschichte*. Berlin: Akademie Verlag GmbH.
- Vasconcelos, M. C. C. (2005). *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus.